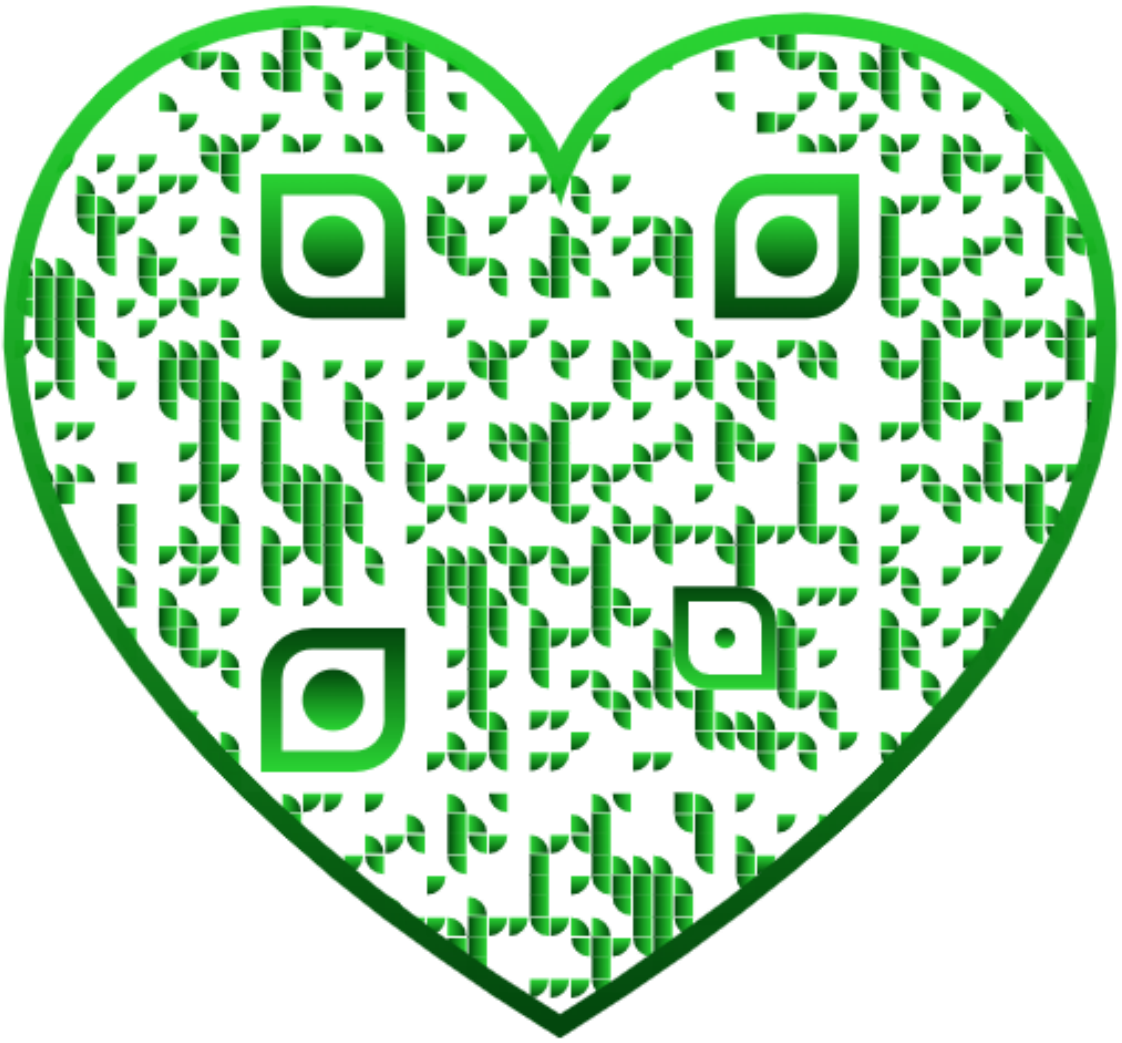
A Música Segundo o Espiritismo

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

Ery Lopes



A MÚSICA SEGUNDO O ESPIRITISMO

Ery Lopes

Edição revisada em setembro de 2011

© Brasil

Distribuição gratuita em formato digital

www.luzespirita.org.br

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

A Música Segundo o Espiritismo

Ery Lopes

CONVITE:

Convidamos você, que teve a oportunidade de ler livremente esta obra, a participar da nossa campanha de SEMEADURA DE LETRAS, que consiste em cada qual comprar um livro espírita, ler e depois presenteá-lo a outrem, colaborando assim na divulgação do Espiritismo e incentivando as pessoas à boa leitura.

Essa ação, certamente, renderá ótimos frutos.

Abraço fraterno e muita LUZ para todos!

www.luzespirita.org.br

Sumário

Sobre o Autor – pag. 6

Prefácio – pag. 8

1 – Préstimo da Música – pag. 10
2 – Aplicação prática da Música – pag. 12
3 – Evolução e princípios da organização musical – pag. 15
4 – Conceituação vulgar – pag. 21
5 – Conceito Espírita de Música – pag. 25
6 – Interpretando... – pag. 32
7 – Missão musical – pag. 37
8 – Música Espírita – pag. 39
9 – Daí de graça o que de graça recebestes – pag. 51
10 – Obsessão e Magnetização – pag. 55
11 – Promoção e formação musical – pag. 59
12 – Painel da Música Espírita – pag. 63
13 – Anexo – pag. 64
14 – Bibliografia consultada – pag. 68

Sobre o Autor

Ery Lopes é músico autodidata, iniciado em instrumentação ainda na adolescência, tendo começado pelo violão e logo em seguida passando para teclado e outros instrumentos.

É natural de Igaracy, cidade sertaneja do Estado da Paraíba, nascido em 29 de junho de 1975.

Filho de pais católicos — e praticantes fervorosos —, ele dividiu seu tempo na infância-juventude entre sua casa, a escola e a igreja, onde desabrochou dotes artísticos, oratória, teatro e, evidentemente: música — sua grande paixão.

Foi integrante e regente do grupo musical de sua paróquia, onde colaborou na promoção de atividades religiosas e culturais, sobretudo, dirigidas ao público infanto-juvenil.

Transferindo-se para a Capital paulista nos primeiros anos da maioridade, após rápida passagem no Planalto Central do Brasil, e na Pauliceia mesmo se aventurou na carreira de músico profissional.

Elucidado pela luz da Doutrina Espírita, na casa dos seus trinta anos, passou a atuar em prol da divulgação do Espiritismo em frentes diversas, com enfoque especial às atividades musicais.

É trabalhador voluntário da Associação Espírita Dr. Bezerra de Menezes, Núcleo A Caminho da Luz, bem como colaborador do

Portal Luz Espírita[1], idealizador ainda do projeto de exposição unificada do seguimento musical doutrinário para o Espiritismo: Painel da Música Espírita.

É, portanto, compositor, cantor e instrumentista, estando suas obras — de cunho doutrinário, em favor do Espiritismo — disponibilizadas livremente no mencionado portal de Internet.

Juntamente com o amigo João Lucius, faz palestras espiritistas, dentre as quais, e especialmente, exposições musicais.

[1] Endereço eletrônico: www.luzespirita.org.br.

Prefácio

A pretensão desta obra é despertar naqueles, cujo coração – em matéria de Música – ainda esteja sitiado pela delimitação física do ouvido, um desejo profundo de conhecer, sentir e vivenciar a primeira das artes universais[2], o mais aproximado da plenitude que ela nos oferece. Com efeito, para que se possa gozar das benesses de suas aplicações em nosso cotidiano, faz-se mister senti-la imamente e tal fito não se faz com os parcos cinco sentidos humanos, mas pela porção espiritual que cada encarnado tem consigo, invariavelmente.

Despertemos esse sexto sentido a partir do conhecimento de o que é a arte musical. E os Espíritos no-la descreveram.

De posse do conceito espírita acerca da Música, nós podemos, finalmente, alargar as potencialidades da nossa alma e usufruir de uma verdadeira fonte de maravilhas, um agente de força capaz de transformar vidas e — sem exagero nenhum — toda a humanidade.

E sobre a Música, conforme a interpretação dos Espíritos, debruçar-nos-emos doravante. Não será apresentada nenhuma nova proposição: é a mesma tese sobre a qual Allan Kardec – o egrégio codificador do Espiritismo – sabiamente se ocupou de copilar e que posteriormente comporia dois espetaculares capítulos inseridos no livro "OBRAS PÓSTUMAS".

Portanto, a exemplo de todas as aclarações que compõem

[2] As sete artes universais, disposta pela ordem de valor, são: Música, Poesia, Dança, Pintura, Escultura, Teatro e Cinema.

as teses básicas da Doutrina Espírita, o conceito de Música de que aqui utilizamos não é fruto da interpretação isolada, de um homem ou de uma entidade espiritual individual, mas é coerente com a coletividade, a plêiade de Espíritos Superiores que trabalhou e trabalha vivamente na promoção do Espiritismo.

A tese da essência musical vem, pois, da espiritualidade. Nosso trabalho é convidar todos a compreender e difundi-la, traçando um esboço panorâmico do seu desenvolvimento na antropologia, seus empregos, efeitos e destinação dentro de um horizonte extra-humano: o divino Cosmos.

Ery Lopes

1
Préstimo da Música

Alguns dicionários e enciclopédias trazem um verbete relativo à Música que é uma palavra das menos usadas em todos os tempos. Não que tenha caído em desuso — fenômeno comum — mas que realmente jamais foi usual. Estamos falando de *musicófobo*, que se refere "àquele que tem aversão por Música". Não há nenhum registro histórico que tenha havido, em qualquer época, um só exemplar de um indivíduo com tal epíteto em todo o mundo.

Por mais rude e primitivo que seja o sujeito, é impossível que tenha uma alma completamente indolente a este gênero, a ponto de não haver nenhum som, nenhuma melodia que não o sensibilize. Ainda que seja uma peça que o instigue às atitudes de baixeza, mas seus nervos não podem ser totalmente inertes ao encanto dessa arte.

Tal é o préstimo da Música à humanidade.

Contudo, a Música não é humana; isto explica em parte que não haja ninguém avesso a ela. Trata-se de uma arte divina, que vem da espiritualidade e se reflete na Terra como o brilho da Lua se reflete na água. Diríamos que nem chega a ser a própria, mas uma extensão dela, bem como o brilho refletido na água não constitui exatamente a Lua. A Música está inserida na essência espiritual como uma aptidão inata, da mesma maneira como se diz do instinto evolutivo. O Espírito nasce com o impulso de se melhorar, progredir. E nasce também com um instinto musical. Por mais que o elemento deseje a estagnação e tente barrar seu progresso evolutivo a todo custo, ele sente que não o conseguirá. Por essa analogia, ainda que

se almejasse ser um musicófobo, não se lograria um intento dessa natureza.

De todas as artes a Música é a única com essa característica divina e a única que está presente em todos os tempos, pois que a Criação é também uma excelsa sinfonia.

Com efeito, além de Deus, no princípio havia apenas o nada, a escuridão e o silêncio. Desde o que os cientistas denominaram *big bang*, o sopro divino estabeleceu Sua obra rompendo o vazio com os elementos primitivos, quebrando a escuridão com a luz e ferindo o silencio com o som. A obra divina é destarte uma maravilhosa canção, o que fez do supremo Arquiteto o músico original, o Compositor dos compositores.

E como tudo é energia e esta se mantém pela ininterrupta vibração – de amor, aliás –, por conseguinte, a manutenção do Universo é um majestoso concerto, a ressoar mais ou menos forte aos "ouvidos espirituais", em conformidade com a evolução individual.

Por essa constatação, diríamos que a Música é onipresente no Universo. Além de que sua arte é uma das ocupações da Espiritualidade, conforme nos diz a literatura espírita[3]. Na espiritualidade superior, os Espíritos não se falam, eles musicam, pois que tudo que sentem, pensam e emanam é bom, justo e belo. Logo, como nosso pensamento tem forma, cheiro, cor e som, cada emanação espiritual superior também é uma vibração sonora.

Apenas isso bastaria para ponderar o valor da arte musical, entretanto, há mais.

Vejamos a seguir.

---

[3] No capítulo 45 de NOSSO LAR, ditado por André Luiz e psicografado por Francisco Cândido Xavier, por exemplo, o autor espiritual narra sua visita ao Campo da Música dentro da colônia. Ver mais adiante desta obra.

2
Aplicação prática da Música

Se bem pesquisássemos os livros de autoajuda, iríamos nos deparar que praticamente todos os títulos incluem, entre as regras e receitas básicas para um salutar cotidiano, ao menos uma que seja alusiva à Música — frisando, contudo, o critério da "boa Música". É, portanto, consenso que devemos nos cercar dessa arte e extrair dela seu sumo em prol de nosso prazer diário.

Há teses que vão bastante além ao apontar o seu fator terapêutico. De sorte que agora não é apenas por mero prazer, mas ainda por medicação. Logo, o simples entretenimento do homem é um escopo demasiado vulgar para a Música.

O referencial clássico é o episódio bíblico narrado no primeiro livro de Samuel:

> *"E quando o espírito maligno da parte de Deus vinha sobre Saul, Davi tomava a harpa, e a tocava com a sua mão; então Saul sentia alívio, e se achava melhor, e o espírito maligno se retirava dele."*
>
> (I Samuel, 16: 23)

Atormentado pela sua consciência (aqui metaforizado pelo "espírito maligno enviado" por Deus), Saul, o rei israelita, penava por noites adentro sem conseguir dormir nem recobrar suas forças. As melodias providas da harpa de Davi (que mais tarde ocuparia o trono daquele rei) anestesiavam os remorsos de sua majestade e lhe permitiam o sono reabilitador.

Nota-se, assim, que a Música tocou no ponto crucial da moléstia de Saul que não era de ordem fisiológica e sim espiritual. A

insônia — bem como toda a perturbação do rei — consistia de ordem moral, pois Saul era um monarca déspota em Israel, falsamente representando a Javé. Os sons executados por Davi penetraram o âmago do rei, não o do corpo físico, mas o imo do espírito de Saul. As vibrações melódicas penetram nas sensações de ordem espiritual que, se não é capaz de remover as "manchas" impressas pela má conduta, entorpecem-nas momentaneamente para permitir o sono restaurador.

* * *

Podemos considerar a Música como uma aplicação prática do nosso instinto de evolução, em que, visando nosso melhor condicionamento, impulsionando-nos ao que é profícuo e belo, pois saúde, bem-estar e beleza são atributos do Cosmos — a harmonia universal. Não haveria perfeição na Natureza sem Música.

* * *

Nossos antepassados – que tinham os astros celestiais por deuses –, no ímpeto de agradecer pela vida, saúde, colheita e por tudo o que lhes convinham, não tendo nada mais sublime a oferecer, desenvolveram os ritos musicais consagrados à espiritualidade.

Portanto, a Música humana nasceu basicamente no emprego de oblação aos seres celestiais e à Natureza. Nesse sentido, tinha uma função estritamente religiosa. O princípio da "profanação musical" teve início quando os reis da terra começaram a ser cortejados com canções em suas homenagens e, ou a partir de quando os tiranos cobravam a bajulação via ária — uma vez que eles se consideravam seres divinos.

Desde aí a aplicação prática da Música foi sendo vulgarizada – se bem, podemos também interpretar como um processo salutar de popularização.

Surgiu o gênero épico, em que se cantava as façanhas dos heróis de guerra; não tardou para pender ao romantismo, as músicas

dedicadas às amantes; chegou ao cancioneiro popular, a música folclórica, etc., vitalizando os aedos, os trovadores e afins.

O cume da vulgarização musical – acredita-se – se deu com a capitalização do trabalho musicista, porquanto, para "ganhar a vida", o pseudomúsico perverte-se ao praticar composições mesquinhas, puramente "comercialistas", quando, em verdade, o autêntico músico não se corrompe, compreendendo que sua arte deve apontar, sem falta, para a Beleza, para o Amor e para a Harmonia. Qualquer que se preste à Música fugindo desse prumo pode ser reputado *pseudomúsico*.

O resultado disso, visível em nosso cotidiano, é uma miscelânea musical tal que a Música ora encanta e ora espanta.

* * *

Somemos mais alguns ingredientes às aplicações práticas da Música: poderoso utensílio de preservação e exposição da identidade cultural dos povos, de modo a promover a confraternização de raças e culturas no processo natural de globalização.

3

Evolução e princípios da organização musical

Estima-se que o homem, movido pelo instinto evolutivo, descobriu a Música observando a Natureza, desde as coisas mais simples, como o soar dos ventos, a dança das águas e o gorjeio dos pássaros, a marcha dos animais, etc.

Na reverberação das cavernas e no eco dos precipícios naturais os primitivos descobriram os primeiros efeitos sonoros que hoje são reproduzidos pelos técnicos da indústria fonográfica. Por esses efeitos, vê-se que a resposta sempre sobrepuja a emanação original.

Portanto, antes mesmo da escrita e da mensagem oral, nossos ancestrais já faziam música. Antes que as mães aprendessem a transmitir "meu filho lindo" com palavras, pela intuição materna, elas já solfejavam aquilo que hoje denominamos "cantigas de ninar", com meros "humm, hum, hummmm...", enquanto embalavam as crianças no colo – um maravilhoso gênero musical, diga-se de passagem.

Obviamente que, em se tratando de teorização, há sempre os contestadores. No caso oportuno, consideremos que há quem defenda o principio da intelectualização, ao que, a Música só existiria a partir uma criação intencional e provinda da mente inteligente do homem.

Para fins teóricos, portanto, há duas correntes conceituais sobre a natureza da Música, a saber:

- **Teoria naturalista:** a música é um conjunto físico de elementos que já existem antes mesmo de serem executados. As composições usam peças limitadas (como as oitenta e oito notas audíveis encontradas no piano e outras fontes como batidas de um tambor) que possibilitam combinações infinitas devido a diversidade dos timbres e valores como duração e intensidade. É como o conjunto de numerais de 0 (zero) a 9 que formam outros números (12, 500, 3487, etc.). A sequência de notas de uma melodia já existe antes mesmo de ser escrita e tocada. O compositor não nada cria porque não há nada novo, apenas cola as notas como se fossem peças de um quebra-cabeça, cujo quadro já é existente e só precisa então ser montado. Portanto, a arte não está nos elementos da Música, mas na criação e interpretação dela. A partitura é – nesse contexto – a prova cabal de que a música é física, porque pode ser vista ou imaginada na mente sem necessariamente ser executada. Tanto é, que um software apropriado consegue executar num computador uma composição, apenas com inteligência virtual, sem a ação do homem.
- **Teoria humanista:** a Música é arte pura — mesmo quando usado contra a arte — e está completamente atada ao homem, o único ser capaz de compreender a expressão dela (ainda que essa expressão seja diferente da proposta original elaborada pelo compositor e intérprete). A capacidade de organizar os elementos (notas, batidas, etc.) é restrita à habilidade humana e exige um mínimo de raciocínio. Além disso, ela requer o homem nas duas pontas: criação e apreciação. Ela é indubitavelmente criada para a apreciação humana, seja para entreter, seja para provocar. Quanto à partitura desenhada num papel, trata-se de uma instrução para que a música, que é abstrata, seja tocada fielmente. A pauta não tem vida, mas a música sim por poder penetrar em outras vidas racionais para provocar emoções. Quando um instrumentista executa uma melodia de uma partitura com seu piano, por exemplo, ele não está operando uma ação mecânica porque, além do que a expressão dele não

se limita às instruções da notação, folhas de papel também não conseguem instruir tudo e há muita liberdade para o músico, que ao acionar a execução, inevitavelmente exprime junto com sua ação grande carga emotiva. Sem emoção, sentimento, não é possível praticar Música.

Certo é que o homem progride em meio à evolução musical terrena, visto não se conhecer qualquer clã que não tenha desenvolvido uma cultura que envolva manifestações sonoras. Por esse ângulo, é uma obra inacabada, mas que percorre as trilhas do progredimento pela qual caminhamos todos nós.

* * *

O desabrochar dos tons melódicos (variação de notas musicais) foi uma verdadeira revolução na vida humana. Provavelmente eles são oriundos do mais fantástico instrumento musical da terra: o canal bucal dos homens.

Igualmente arriscamos dizer que o canto surgiu antes da fala, como sugerem as pinturas rupestres. Só então vieram os primeiros instrumentos melódicos à base de cordas, como a lira e a harpa; de sopro, como a flauta, o bombardino, a gaita, o clarinete; de teclas e etc.

O historiador e musicólogo Roland de Candé traçou um esquema ilustrativo para a evolução e organização da Música nos primórdios:[4]

1. **Antropoides do terciário:** Batidas com bastões, percussão corporal e objetos entrechocados;
2. **Hominídeos do paleolítico inferior:** Gritos e imitação de sons da natureza;
3. **Paleolítico Médio:** Desenvolvimento do controle da altura, intensidade e timbre da voz à medida que as demais funções

[4] HISTÓRIA UNIVERSAL DA MÚSICA, Roland de Candré.

cognitivas se desenvolviam, culminando com o surgimento do *Homo sapiens* por volta de 70.000 a 50.000 anos atrás;

4. **Cerca de 40.000 anos atrás:** Criação dos primeiros instrumentos musicais para imitar os sons da natureza. Desenvolvimento da linguagem falada e do canto;
5. **Entre 40.000 anos a aproximadamente 9.000 a.C.:** Criação de instrumentos mais controláveis, feitos de pedra, madeira e ossos: xilofones, litofones, tambores de tronco e flautas. Um dos primeiros testemunhos da arte musical foi encontrado na gruta de Trois Frères, em Ariège, França. Ela mostra um tocador de flauta ou arco musical. A pintura foi datada como tendo sido produzida em cerca de 10.000 a.C.;
6. **Neolítico (a partir de cerca de 9.000 a.C):** Criação de membranofones e cordofones, após o desenvolvimento de ferramentas. Primeiros instrumentos afináveis;
7. **Cerca de 5.000 a.C.:** Desenvolvimento da metalurgia. Criação de instrumentos de cobre e bronze permitem a execução mais sofisticada. O estabelecimento de aldeias e o desenvolvimento de técnicas agrícolas mais produtivas e de uma economia baseada na divisão do trabalho permitem que uma parcela da população possa se desligar da atividade de produzir alimentos. Isso leva ao surgimento das primeiras civilizações musicais com sistemas próprios (escalas e harmonia).

* * *

O desenvolvimento da linguagem falada proporcionou o acréscimo da letra à Música. Naturalmente que estamos falando de uma composição literária com execução melódica — a letra cantada. A letra apenas lida é poesia e não música, muito embora, haja quem

defenda certa musicalidade em determinados poemas.

* * *

Outro elemento que pode ser acrescido às três partes citadas (ritmo, melodia e letra) é o silêncio — novamente, ponto de discórdia entre certos musicistas —, pois, segundo alegação de parte dos especialistas, é artifício integrante da marcação do compasso musical, sem o que, impossível seria impossível a ordenação de determinadas composições. Um exemplo concreto é a chamada "capela" — música cantada sem outro recurso instrumental —, em que forçosamente há que haver espaços silenciosos, até para possibilitar a respiração do vocalista.

* * *

Ainda sobre a difusão da Arte Primeira, consideremos que sua vulgarização deu-se em contraponto ao espírito elitista a que era empregado. Dos recintos luxuosos às vielas, da música erudita às baladas periféricas, o contraste é abismal, o que é envernizado de desavisos e preconceitos — provenientes de ambas as partes.

Fica assim estabelecida a correlação entre a expressão musical e a identidade pessoal: a música da elite (reis, príncipes, clero, nobres) era totalmente díspar da que era praticada nos campos. Consequentemente, ela tornou-se uma alegoria bem traçada da posição social de quem praticava o que. O acesso de uma classe ao gênero de outra era, não só praticamente impossível, quanto abominável.

Como esse cisma não é fatal, também a Música é um fator agregador. Embora ainda haja um atrito muito ríspido entre os apreciadores do gênero erudito e os populares, é bem verdade que a Música soube aproveitar bem das novas tecnologias de comunicação para se difundir pelo mundo inteiro, sendo inclusive, um elemento valiosíssimo para a globalização, de maneira que hoje um intelectual

também possa mesclar em sua coletânea valsas como “As Quatro Estações” de Vivaldi com o hip-hop suburbano, ou um autêntico roqueiro apreciar as obras sacras de Bach. Tudo isso em razão dos gêneros não mais estarem circunscritos em regras arcaicas, mas que hoje permitam intersecções rítmicas.

4
Conceituação vulgar

Debalde se procura humanamente conceituar a Música, porquanto, seja de ordem espiritual e espiritual, não há como circunscrevê-la às teorias. Afinal, música é para ser sentida e não explicada.

O termo Música vem da expressão grega ***musike techne***, *a arte das musas*. As musas, pela mitologia grega, eram cada uma das nove deusas que inspiravam as ciência e artes e para contentar as divindades, só mesmo algo tão excelso.

Singelamente poderíamos dizer que ela é "a arte de combinar sons de acordo com o tempo", mas por trás da sentença acima estão infinitos elementos a serem considerados, tais como as propriedades da combinação: altura (variação de sons graves e agudos), duração do som e dos intervalos (silêncios), intensidade (volume) e timbre (identidade sonora que distingue os instrumentos, as vozes e demais fontes que reproduzem som).

As impressões também se alternam de acordo com as partes envolvidas (compositores, intérpretes, apreciadores) e da aplicação (entretenimento, informação, louvor, anarquia, etc.), de onde parte as definições também exprime um pouco as teses. Um tecnomúsico (trabalhador do ramo musical) a define tal qual ele é; já um historiador explora mais a árvore da evolução ao longo do tempo; o antropólogo mergulha na relação que a música tem com o caráter folclórico e cultural dos povos, e assim por diante.

* * *

Sem a pretensão de encerrar a definição conceitual, mas rechear o termo poeticamente, digamos, alguns pensadores dissertaram sobre a primeira das Artes. Vejamos algumas citações:

O escrito francês Victor Hugo, por exemplo, definiu: *"A música está em tudo. Do mundo sai um hino. A música é o barulho que pensa."*

"Sempre tive a impressão de que a música fosse apenas o extravasamento de um grande silêncio", escreveu Marguerite Yourcenar, escritora belga. E sobre o rompimento desse silêncio — agora metaforizado pela solidão —, o poeta e dramaturgo inglês Robert Browning disse: *"Quem ouve música, sente a sua solidão de repente povoada."*

No conceito do pintor e escultor Georges Braque, *"O vaso dá uma forma ao vazio e a música ao silêncio."*

Alguns pensadores atentaram-se à Música como uma forma de linguagem sublime. *"A música exprime a mais alta filosofia numa linguagem que a razão não compreende."* — ajuntou o filósofo alemão Arthur Schopenhauer. Seguindo esse raciocínio, ela estaria acima do formalismo linguístico, como anota Ernst Hoffmann: *"A música começa onde acaba a fala".* Por isso, *"Milhares de pessoas cultivam a música; poucas, porém, têm a revelação dessa grande arte.",* como disse Ludwig Beethoven — considerado por muitos o mais genial músico de todos os tempos.

O formalismo da elocução é deixado de lado, quando na hora de avaliar a arte musical: *"Adoro sob todas as formas de linguagem a música, porque ignoro ainda a ignomínia da gramática e da filosofia.",* segundo o cientista Paolo Mantegazza.

A faceta do misterioso parece ser o atrativo primordial da arte que estamos tratando. Oscar Wilde dizia: *"A música é o tipo de arte mais perfeita: nunca revela o seu último segredo".* Desta forma, Samuel Johnson aduziu: *"A música é um método de empregar a mente sem ter o trabalho de pensar em absoluto."*

Confúcio, célebre pensador chinês, questionava se o homem era capaz de compreender essa língua musical: "*Como é que um homem sem as virtudes que lhe são próprias pode cultivar a música?"*

Por sua vez, o italiano Massimo Azeglio ponderou: *"Não seria a música uma língua perdida, da qual esquecemos o sentido e conservamos apenas a harmonia?"*

Marcel Proust propôs: *"A música pode ser o exemplo único do que poderia ter sido — se não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias — a comunicação das almas".*

Contudo – e, sobretudo –, vê-se que excelsitude musical: *"O homem que não tem a música dentro de si e que não se emociona com um concerto de doces acordes é capaz de traições, de conjuras e de rapinas",* escreveu William Shakespeare. Até mesmo o materialista e ateu Friedrich Nietzsche se rendeu aos seus encantos com fervorosa defesa: *"Sem a música, a vida seria um erro."*

Miguel de Cervantes, pai do célebre personagem "Dom Quixote", sentenciou: *"Onde há música não pode haver coisa má".*

"A música tem encantos para serenar o coração mais selvagem", ouviu-se de William Congreve, poeta inglês.

Quando Victor Hugo disse *"A música é o verbo do futuro"*, colocou nas entrelinhas o que declara Beethoven: *"A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos. A melodia é a vida sensível da poesia"*, como que ratificado por Leonid Pervomaisky: *"Pouco importam as notas na música, o que conta são as sensações produzidas por elas".*

O libanês filósofo Khalil Gibran anteviu: *"A música é a linguagem dos Espíritos"*, copilando Aristóteles: *"A música é celeste, de natureza divina e de tal beleza que encanta a alma e a eleva acima da sua condição".*

Em tom como que de oração, lembremos Miguel Unamuno, poeta espanhol: *"Entre as graças que devemos à bondade de Deus, uma das maiores é a música. A música é tal qual como a recebemos: numa alma pura, qualquer música suscita sentimentos de pureza".*

"Quando se ouve boa música fica-se com saudade de algo que nunca se teve e nunca se terá", tem-se de Samuel Howe.

Johann Goethe, pensador alemão confessou: *"O ritmo tem algo mágico; chega a fazer-nos acreditar que o sublime nos*

pertence".

Aqui, este autor arrisca uma pérola: *"A Música é vibração que entra pelos ouvidos e sai pelos olhos lacrimosos".*

5
Conceito Espírita de Música

O Espiritismo, o Consolador prometido por Jesus, que viria aclarar as mentes com verdades positivas, veio a seu turno também contribuir para a definição do conceito musical.

Fazendo-se porta-voz da plêiade dos mentores amigos, colaboradores da Terceira Revelação, o Espírito Rossini, então recém-desencarnado, manifestou-se à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — a memorável instituição fundada por Allan Kardec — para dissertar sobre nosso tema.

Em sua passagem carnal, o maestro Gioachino Antonio Rossini foi um proeminente compositor erudito italiano, autor de peças imortais, tais como: "O Barbeiro de Sevilha", "A Cinderela" e "Guilherme Tell". Profundo conhecedor da musicalidade terrena, apresentava-se então como mero iniciante à música do plano espiritual.[5] *"Nada inventamos: copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude, quando não apresentamos por demais deformada a partitura"* — confessou humilde.

Na ocasião dessa comunicação, viu-se ele incapaz de se alongar na dissertação, prometendo, contudo, voltar tão logo achasse estar na condição de melhor discorrer argumentos frutíferos para nosso entendimento a respeito de tão profundo intento.

* * *

[5] Vide o Capítulo "Música Espírita", em OBRAS PÓSTUMAS, de Allan Kardec.

Eis que Rossini retornou e fez jus à espera.

Trouxe-nos, sobejamente, o conceito espírita para a Música, com uma argumentação tão embasada quanto surpreendente.

Reproduzimos aqui a íntegra da comunicação, para preservar a totalidade da conceituação.[6]

> *Foi explicado o silêncio que guardei sobre a questão que o Mestre da Doutrina Espírita me propôs. Era conveniente que, antes de entrar em tão difícil assunto, eu me concentrasse, reunisse as minhas lembranças e condensasse os elementos que me estavam ao alcance. Não me cabia estudar a música, tinha apenas de classificar com método os argumentos, a fim de apresentar um resumo capaz de dar ideia da minha concepção da harmonia. Esse trabalho, que não fiz sem dificuldade, se acha concluído e estou pronto a submetê-lo à apreciação dos espíritas.*
>
> *A harmonia é difícil de definir-se; muitas vezes, confundem-na com a música, com os sons, como resultante de um arranjo de notas e das vibrações dos instrumentos que reproduzem esse arranjo. Mas, não é isso a harmonia, do mesmo modo que a chama não é a luz. A chama resulta da combinação de dois gases: é tangível; a luz que ela projeta é um efeito dessa combinação e não a própria chama: não é tangível. Aqui, o efeito é superior à causa. O mesmo se dá com a harmonia; ela resulta de um arranjo musical, é um efeito igualmente superior à causa. Esta é brutal e tangível; o efeito é sutil e intangível.*
>
> *Pode-se conceber a luz sem chama e compreender a harmonia sem música. A alma é apta a perceber a harmonia, excluído todo o concurso de instrumentação, como é apta a ver a luz sem o concurso de combinações materiais. A luz é um sentido íntimo que a alma possui: quanto mais desenvolvido ele, tanto melhor percebe ela a luz. A harmonia é igualmente um sentido íntimo da alma, que a percebe em relação com o desenvolvimento desse sentido. Fora do mundo material, isto é, fora das causas tangíveis, a luz e a harmonia são de essência divina. A posse de uma e outra está na razão dos esforços empregados para adquiri-las. Se comparo a luz e a harmonia, é para me fazer mais bem compreendido e também porque esses dois sublimes gozos da*

---

[6] Reprodução da segunda comunicação de Rossini, contido no Capítulo “Música Espírita”, em **OBRAS PÓSTUMAS**, Allan Kardec, tradução de Guillon Ribeiro, Editora FEB.

alma são filhos de Deus e, portanto, irmãos.

É tão complexa a harmonia do Espaço, tem tantos graus que eu conheço e muitos outros mais que se me conservam ocultos no éter infinito, que aquele que se acha colocado a certa altura de percepções é como que tomado de espanto ao contemplar essas diversas harmonias, que constituiriam, se reunidas, a mais insuportável cacofonia7; enquanto que, ao contrário, percebidas separadamente, constituem a harmonia particular a cada grau. Nos graus inferiores, essas harmonias são elementares e grosseiras; levam ao êxtase, nos graus superiores. Tal harmonia, que choca um Espírito de percepções sutis, encanta um outro de percepções grosseiras e, quando é dado ao Espírito inferior deleitar-se com os encantos das harmonias superiores, o êxtase o arrebata e a prece lhe penetra o íntimo. O encantamento o transporta às elevadas esferas do mundo moral; ele entra a viver uma vida superior à sua e assim desejara continuar a viver para sempre. Mas, desde que a harmonia deixe de penetrá-lo, ele desperta, ou, se o preferirem, adormece. Em todo caso, volta à realidade da sua situação e, dos lamentos que lhe escapam por haver descido, se exala uma prece ao Eterno, a pedir-lhe forças para de novo subir. Aí tem ele um grande motivo de emulação.

Não tentarei explicar os efeitos musicais que o Espírito produz atuando sobre o éter; o que é certo é que o Espírito produz os sons que queira e que não pode querer o que não sabe. Assim, pois, aquele que compreende muito, que tem em si a harmonia, que se acha dela saturado, que goza do seu sentido íntimo, desse nada impalpável, dessa abstração que é a concepção da harmonia, atua quando quer sobre o fluido universal que, instrumento fiel, reproduz o que ele concebe e deseja. O éter vibra sob a ação da vontade do Espírito; a harmonia, que este último traz em si, concretiza-se, por assim dizer; evola-se, doce e suave, como o perfume da violeta, ou ruge como a tempestade, ou estala como o raio, ou solta queixumes como a brisa. É rápida qual relâmpago, ou lenta como a neblina; tem os despedaçamentos de um soluço, ou é contínua como a relva; é precipitada qual catarata, ou calma como um lago; murmura como um regato, ou ronca como uma torrente. Ora apresenta a rudeza agreste das montanhas, ora a frescura de um oásis; é alternativamente triste e melancólica como a noite, leda e jovial como o dia; caprichosa como a criança,

[7] **Cacofonia:** sons desarmoniosos e desagradáveis.

consoladora como uma mãe e protetora como um pai; desordenada como a paixão, límpida como o amor e grandiosa como a Natureza. Quando chega a este último terreno, confunde-se com a prece, glorifica a Deus e leva ao arroubamento aquele mesmo que a produz, ou a concebe.

Oh! Comparação! Comparação! Por que havemos de ser obrigados a servir-nos de ti! Por que havemos de dobrar-nos à necessidade degradante de buscar, de tomar de empréstimo à natureza tangível imagens grosseiras, para fazermos compreensível a sublime harmonia em que o Espírito se deleita! E, a despeito das comparações, não se consegue dar ideia dessa abstração, sentimento quando causa, sensação quando se torna efeito.

O Espírito que tem o sentimento da harmonia é como o Espírito que tem a riqueza intelectual: um e outro gozam constantemente da propriedade inalienável que granjearam. O Espírito inteligente, que ensina a sua ciência aos que ignoram, experimenta a ventura de ensinar, porque sabe que torna felizes aqueles a quem instrui; o Espírito que faz ressoar no éter os acordes da harmonia que traz em si experimenta a felicidade de ver satisfeitos os que o escutam.

A harmonia, a ciência e a virtude são as três grandes concepções do Espírito: a primeira o arrebata, a segunda o esclarece, a terceira o eleva. Possuídas em toda a plenitude, elas se confundem e constituem a pureza. Oh! Espíritos puros que as possuís! Descei às nossas trevas e iluminai a nossa caminhada. Mostrai-nos a estrada que tomastes, a fim de que sigamos as vossas pegadas!

Quando penso que esses Espíritos, cuja existência mal posso compreender, são seres finitos, átomos, em face do eterno Senhor do Universo, a minha razão se confunde ao cogitar da grandeza de Deus e da bem-aventurança infinita, de que ele goza em si mesmo, pelo só fato de ser infinita a sua pureza, pois que tudo o que a criatura adquire não é mais que uma parcela do que emana do Criador. Ora, se a parcela chega a fascinar pela vontade, a cativar e a deslumbrar pela suavidade, a resplandecer pela virtude, que não produzirá a fonte eterna e infinita donde provém a criatura? Se o Espírito, ser criado, chega a extrair da sua pureza tanta felicidade, que ideia se há de ter da que o Criador tira da sua pureza absoluta? Problema eterno!

O compositor que concebe a harmonia a traduz na

grosseira linguagem chamada música; concreta a sua ideia e a escreve. O artista aprende a forma e escolhe o instrumento que lhe permita exprimir a ideia. Acionado pelo instrumento, o ar a transporta ao ouvido do ouvinte e o ouvido a transmite à alma. Mas, o compositor foi impotente para expressar inteiramente a harmonia que concebera, por falta de uma língua apropriada. O executante, a seu turno, não compreendeu toda a ideia escrita e o instrumento indócil de que ele se serve não lhe permite traduzir tudo o que haja compreendido. O ouvido é afetado pelo ar grosseiro que o cerca e a alma, enfim, recebe, por um órgão rebelde, a horrível tradução da ideia desabrochada na alma do maestro. Essa ideia era o seu sentimento íntimo. Embora desvirtuada pelos agentes da instrumentação e da percepção, ela sempre causa sensações nos que a ouvem traduzida; essas sensações são a harmonia.

A música as produziu; elas são efeito da música. Esta é posta a serviço do sentimento para ocasionar a sensação. O sentimento, na composição, é a harmonia; a sensação, no ouvinte, é também a harmonia, com a diferença de que é concebida por um e recebida pelo outro. A música é o médium da harmonia; ela a recebe e a dá, como o refletor é o médium da luz, como tu és o médium dos Espíritos. Transmite-a mais ou menos deformada, conforme seja bem ou mal executada, do mesmo modo que o refletor envia mais ou menos bem a luz, conforme seja mais ou menos brilhante e polido, do mesmo modo que o médium exprime mais ou menos bem os pensamentos dos Espíritos, conforme seja mais ou menos maleável.

Agora, que a harmonia está bem compreendida na sua significação, que se sabe ser ela concebida pela alma e transmitida à alma, compreender-se-á a diferença que existe entre a harmonia da Terra e a do Espaço.

Na Terra, tudo é grosseiro: o instrumento de tradução e o instrumento de percepção. Entre nós, tudo é sutil: vós tendes o ar, nós temos o éter; tendes um órgão que obstrui e vela; nós temos a percepção direta. Entre vós, o autor é traduzido; entre nós, ele opera sem intermediário e numa língua que exprime todas as concepções. Entretanto, essas harmonias têm a mesma fonte de origem, como a luz da Lua tem a mesma fonte de origem que a do Sol; a harmonia da Terra não é mais do que reflexo da harmonia do Espaço.

É tão indefinível a harmonia, quanto a felicidade, o

temor, a cólera. É um sentimento. Só a pode compreender quem a possui e só a possui quem a tenha adquirido. O homem jovial não pode explicar a sua jovialidade; o que é timorato não pode explicar a sua timidez; podem expor os fatos que esses sentimentos provocam, defini-los, descrevê-los; mas, os sentimentos, esses se conservam inexplicados. O fato que a um causa alegria, nada a outro produzirá; o objeto que ocasiona o temor em um determinará a coragem noutro. As mesmas causas geram efeitos contrários; em física isto não existe, em metafísica existe. Existe, porque o sentimento é propriedade da alma e as almas diferem de sensibilidade entre si, de impressionabilidade, de liberdade.

A música, que é a causa segunda da harmonia percebida, penetra e transporta a um, deixando frio e indiferente a outro. É que o primeiro se acha em estado de receber a impressão que a harmonia produz, ao passo que o segundo se acha em estado oposto; ele ouve o ar que vibra, mas não compreende a ideia lhe que ele traz. Este chega a entediar-se e a adormecer, enquanto que aquele outro se entusiasma e chora. Evidentemente, o homem que goza as delícias da harmonia é muito mais elevado, mais depurado, do que aquele em quem ela não logra penetrar; sua alma, mais apta a sentir, desprende-se mais facilmente e a harmonia lhe auxilia o desprendimento; transporta-a e lhe permite ver melhor o mundo moral. Deve-se concluir daí que a música é essencialmente moralizadora, uma vez que traz a harmonia às almas e que a harmonia as eleva e engrandece.

Toda gente reconhece a influência da música sobre a alma e sobre o seu progresso. Mas, a razão dessa influência é em geral ignorada. Sua explicação está toda neste fato: que a harmonia coloca a alma sob o poder de um sentimento que a desmaterializa. Este sentimento existe em certo grau, mas desenvolve-se sob a ação de um sentimento similar mais elevado. Aquele que esteja desprovido de tal sentimento é conduzido gradativamente a adquiri-lo: acaba deixando-se penetrar por ele e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por instantes, os prazeres inferiores que prefere à divina harmonia.

Agora, se considerarmos que a harmonia sai do concerto do Espírito, deduziremos que a música exerce salutar influência sobre a alma e a alma que a concebe também exerce influência sobre a música. A alma virtuosa, que nutre a paixão do bem, do belo, do grandioso e que adquiriu harmonia, produzirá obras-

primas capazes de penetrar as mais endurecidas almas de comovê-las. Se o compositor é terra a terra[8], como poderá exprimir a virtude de que desdenha, o belo que ignora e o grandioso que não compreende? Suas composições refletirão seus gostos sensuais, sua leviandade, sua negligência. Serão ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas, ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem e os perverterão, em vez de melhorá-los.

O Espiritismo, com o moralizar os homens, exercerá, pois, grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que transfundirão suas virtudes ao fazerem ouvidas suas composições.

Rir-se-á menos; chorar-se-á mais; a hilaridade cederá lugar à emoção, a fealdade à beleza e o cômico à grandiosidade.

Por outro lado, os ouvintes que o Espiritismo dispuser a receber facilmente a harmonia gozarão, ouvindo a música séria, de verdadeiro encanto; desprezarão a música frívola e licenciosa, que seduz as massas. Quando o grotesco e o obsceno forem varridos pelo belo e pelo bem, desaparecerão os compositores daquela ordem, porquanto, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que eles se emporcalham.

Oh! Sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia não ser assim? Seu advento transformará a arte, depurando-a. Sua origem é divina, sua força o levará a toda parte onde haja homens para amar, para elevar-se e para compreender. Ele se tornará o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas irão buscar nele suas inspirações e ele lhas fornecerá, porque é rico, é inesgotável.

O Espírito do maestro Rossini voltará, numa nova existência, a continuar a arte que ele considera a primeira de todas. O Espiritismo será seu símbolo e o inspirador de suas composições.

Rossini

(Médium: Nivart)

6

[8] **Terra a terra:** comum, vulgar, desqualificado.

Interpretando...

Não menosprezando a capacidade de o leitor poder compreender as opulentas minúcias trazidas por Rossini e o conceito espírita sobre a Música, doravante arrazoaremos nossas próprias impressões, ainda que correndo o risco iminente de falir um ou outro ponto, mesmo que involuntariamente.

Ressaltamos, de antemão, a distinção conceitual dos verbetes *música* e *harmonia*: o que se convencionou chamar de *música* — a peça de criação, cada título composto, cada canção — é vertido por Rossini para *harmonia*. A composição harmônica é, então, uma concentração de sentimentos, em que o músico — movido por sentimentos íntimos — imprime na melodia o que sente, de tal maneira como um carpinteiro burila na madeira uma ideia sentimental; tal como o pintor pincela uma tela de cores na tentativa de ilustrar sua visão sentimental.

A Música (terrena) é um rascunho da Harmonia (Celeste). A Música está para a Harmonia assim como o reflexo lunar sobre as águas está para a lua. Desta forma, esse brilho não é a própria lua, mas uma impressão visual bem deformada em relação ao satélite citado.

A *Harmonia,* para o musicista, é sentimento.

* * *

A Harmonia é uma virtude espiritual, feita para ser essencialmente veiculada de Espírito para Espírito via transmissão de pensamento. A fonte criadora (Espírito compositor) compõe e executa a peça harmônica de acordo com sua emoção momentânea e, conforme suas habilidades, vibra certas propriedades do éter — o

fluido cósmico universal — para que dê forma vibracional. Ou seja: cria a vibração harmônica, espécie de partitura viva.

Sopesando os infinitos estágios evolutivos, as entidades têm diferentes graus de aptidões para vivenciar a Harmonia. Os mais evoluídos, os virtuosos, amantes do bem e do belo — ecoando Rossini —, são capazes de vibrar junto com a composição sem nenhum empecilho. Quando na hora de compor, podem criar *(...) obras-primas capazes de penetrar as mais endurecidas almas de comovê-las.* Em contrapartida, os primários têm os sentidos limitados, o que os impede de compreender em absoluto a essência harmônica e, na tentativa criadora, produzem peças que exprimem o que realmente são, na variedade de seus pensamentos e gostos, sendo suas crias *(...) ora licenciosas, ora obscenas, ora cômicas, ora burlescas; comunicarão aos ouvintes os sentimentos que exprimirem e os perverterão, em vez de melhorá-los.*

Parodiando um famoso aforismo popular, diríamos: ***"Dize-me que música tu aprecias que te direi quem tu és!"***.

* * *

Se nas esferas superiores a Harmonia vibra sutil e limpamente com a rapidez do pensamento, não se dá de igual forma nas zonas espirituais mais densas, igualmente como ocorre nos orbes em estágio inicial de progresso. Sem a faculdade da telepatia, necessário é a materialização da Harmonia. Ou seja, é preciso instrumentalizar a vibração harmônica, traduzir a sublime arte para a linguagem sensorial e torná-la acessível. Na nossa esfera física, as vibrações harmônicas são condensadas nas propriedades do ar para serem captadas pelo sentido da audição — um recurso ínfimo em comparação às potencialidades espirituais.

O que ocorre, contudo, é que o que é excelso — unicamente na natureza espiritual — jamais pode ser reproduzido com exatidão na material, mas apenas vulgarmente imitado. Com efeito, não há na Terra, meios sensoriais e instrumentais para copiar a Harmonia elementar. Toda tentativa não resultará numa banal imitação. E nós, meros humanos, que aqui e acolá rotulamos esse ou aquele título

musical de excelente, ou mesma maravilhosa, por essa elucidação, podemos fazer um esforço de raciocínio maior e conceber quão magnífica é a Harmonia celeste. Se no nosso meio terráqueo topamos com vozes ou instrumentos aos quais achamos lindíssimos, imaginemos sua beleza potencializada por altíssimo expoente.

A distância de qualidade entre a música terrestre e a música celeste foi matéria abordada na questão 251 de **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, Allan Kardec:

> *São sensíveis à música os Espíritos?*
>
> ***"Aludes à música terrena? Que é ela comparada à música celeste? A esta harmonia de que nada na Terra vos pode dar ideia? Uma está para a outra como o canto do selvagem para uma doce melodia. Não obstante, Espíritos vulgares podem experimentar certo prazer em ouvir a vossa música, por lhes não ser dado ainda compreenderem outra mais sublime. A música possui infinitos encantos para os Espíritos, por terem eles muito desenvolvidas as qualidades sensitivas. Refiro-me à música celeste, que é tudo o que de mais belo e delicado pode a imaginação espiritual conceber."***

Mozart, outro grande mestre da Música, quando encarnado neste planeta, não se fez de rogado para dissertar sobre o tratado, quando perguntado da similaridade ou não de nossa arte em outros mundos:[9]

> *"Não; nenhuma música pode vos dar a ideia da música que temos ali; é divina! Ó felicidade! Merece gozar de semelhantes harmonias: luta; coragem! Não temos instrumentos; são as plantas, os pássaros que são os coristas; o pensamento compõe e os ouvintes desfrutam sem audição material, sem o recurso da palavra, e isso a uma distância incomensurável. Nos mundos superiores isso é ainda mais sublime".*

* * *

Na concepção do porta-voz, a Música — como instrumento

---

[9] **REVISTA ESPÍRITA (REVUE SPIRITE)**, maio de 1858, "Conversas familiares de Além-túmulo – Mozart", segunda conversa, pergunta 3.

humano — é a instrumentação da Harmonia celeste, uma rudimentar imitação, uma vez que o compositor pouco recurso tem para expor todo seu sentimento (Harmonia) e sua obra — por mais espetacular que seja — jamais conseguirá irradiar sua ideia emotiva. Como conseguinte, o ouvinte não terá, em absoluto, como captar as vibrações inspiradoras. Além do que, no ato da reprodução (execução da peça musical), tanto pelos instrumentos usados como pelos instrumentistas, a obra é ordinariamente distorcida.

Comparar-se-ia a música com uma carta: por mais sofisticados que sejam os recursos literários, as palavras nunca abarcarão os intentos. De igual soma, o leitor dessa carta em hipótese nenhuma penetrará pelas letras no imo do escritor. Levemos em conta ainda que as palavras possam ser falseadas ou mal interpretadas.

Desta forma, Rossini cognomina a música de *médium*. Assim como o psicógrafo rascunha uma carta-mensagem, a canção é um delineamento das sensações do compositor.

Arquitetemos, pois, que o Espírito comunicante transmite ao médium as sensações por que passa naquele instante, transmissão essa efetuada por pensamento: o médium de psicografia, por sua vez, captando as emoções, recorre às palavras para imprimir o recado sentido. Nisso, pouco consegue exprimir na transcrição o exato *feeling* que recebera, resultando que, muitas vezes, a carta psicografada seja rechaçada.

Eis, pois, a distinção entre Harmonia e música, trazida pelo amigo Rossini. Todavia, pela consagração do uso popular, continuaremos a usar o epíteto *Música* (com letra maiúscula) como sinônimo de *Harmonia*.

7
Missão musical

Bem como pode se dar, pela mediunidade, ao encarnado um facho de luminescência provinda do mundo celeste, igualmente pode-se ao Espírito menos evoluído permitir gotas de caridade musical, concedendo-lhe acessar, ainda que por mínimos instantes, a Harmonia superior.

Assim nos informou o arauto da Música Celeste: *(...) quando é dado ao Espírito inferior deleitar-se com os encantos das harmonias superiores, o êxtase o arrebata e a prece lhe penetra o íntimo. O encantamento o transporta às elevadas esferas do mundo moral; ele entra a viver uma vida superior à sua e assim desejara continuar a viver para sempre.*

De volta à sua realidade circunstancial, o felizardo toma ciência das suas limitações de então — o que o entristece sumariamente —, muito embora tem do que se alegrar em saber que pode reformar-se para elevar suas competências à superior faixa de vibração harmônica: *(...) ele desperta, ou, se o preferirem, adormece. Em todo caso, volta à realidade da sua situação e, dos lamentos que lhe escapam por haver descido, se exala uma prece ao Eterno, a pedir-lhe forças para de novo subir. Aí tem ele um grande motivo de emulação.*

* * *

Com isso, vemos a Música se somar às ferramentas de auxílio para a depuração dos Espíritos. Eis a caridade que esta Arte

presta solicitamente, tal qual lemos da comunicação de Rossini: *(...) Aquele que esteja desprovido de tal sentimento é conduzido gradativamente a adquiri-lo: acaba deixando-se penetrar por ele e arrastar ao mundo ideal, onde esquece, por instantes, os prazeres inferiores que prefere à divina harmonia.*

Portanto, iludem-se aqueles que encerram os atributos da Música apenas ao escopo do mero entretenimento. Há, pois, uma altiva missão para esta arte: penetrar as densas e obscuras mentes, amolecer os mais duros corações, enternecer as mais brutas personalidades.

Não é desprestigiosa missão!

Nem tampouco fácil. Isso nós deduzimos pela dureza das pessoas e a prosperidade da ignorância que ainda reina livremente em nosso convívio, mesmo tendo já decorridos dois milênios do Evangelho de Cristo. E a solidez dessa rudeza pode ser facilmente medida e assimilada pela variedade de composições da mais baixa qualidade, conquanto, o gosto musical espelha a categoria de seus praticantes.

Mas a Música — e talvez exclusivamente ela — consegue perfurar essas rochas e logra arrancar uma gota, ao menos, de sensibilidade nos mais intrépidos e arrogantes homens. E se os brutos não admitem amar, de contrapeso, não ousam desmerecer a Arte primeira. Para estirpes desse grau, como cronograma básico, a Música fecunda antes mesmo que o sermão.

8
Música Espírita

Não obstante a resistência de muitos espíritas — inclusive de dirigentes de Centros —, que ainda associam a arte musical à profanação ou banalização do ambiente, a Música Espírita não apenas deve ganhar forma, como conseguirá se impor naturalmente, conforme Rossini salientou: *(...) O Espiritismo, com o moralizar os homens, exercerá, pois, grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que transfundirão suas virtudes ao fazerem ouvidas suas composições.*

Com efeito, a tão propagada "reforma íntima" deve se consorciar com a evolução musical de cada um. E ela está em curso.

E se o espírita autêntico é reconhecido pelo seu esforço de se melhorar — conforme configurou o insigne codificador do Espiritismo, Allan Kardec —, também o sopesamos pelas suas preferências musicais.

Relembremos Rossini: *(...) os ouvintes que o Espiritismo dispuser a receber facilmente a harmonia gozarão, ouvindo a música séria, de verdadeiro encanto; desprezarão a música frívola e licenciosa, que seduz as massas. Quando o grotesco e o obsceno forem varridos pelo belo e pelo bem, desaparecerão os compositores daquela ordem, porquanto, sem ouvintes, nada ganharão, e é para ganhar que eles se emporcalham.*

Em tom profético, o maestro anotou importante desígnio para a Doutrina Espírita: *(...) Oh! Sim, o Espiritismo terá influência sobre a música! Como poderia não ser assim? Seu advento transformará a arte, depurando-a. Sua origem é divina, sua força o*

levará a toda parte onde haja homens para amar, para elevar-se e para compreender.

* * *

Por conseguinte, a filosofia dos Espíritos dá vida, naturalmente, a um novo gênero: a ***Música Espírita***. Que faceta teria, porventura, a nova modalidade musical? — perguntar-se-á — Que proposta trará esse gênero?

Não nos cabe aqui esgotar o tema, o que seria limitar as potencialidades desse fito, mas podemos balizar algumas diretrizes, sendo a primordial a que se correlaciona como o Cosmos — a harmonia universal, onde tudo é interativo, visando a beleza, a consonância das coisas.

Como proposta de renovação, deve inspirar os musicistas ao amor, à fraternidade e à ação energizante. Onde poderia ser encontrada forma mais excelsa de praticar à prece a Deus senão pela Música Espírita? E ressaltamos o adjetivo "Espírita" razão pela qual a Doutrina Espírita é maravilhosa — devemos sim, salientar isso. Composições sacras de outras religiões que não a Espírita podem ser lindíssimas e até doutrinariamente concordantes com a proposta do Espiritismo, no entanto, pelas pechas próprias do religiosismo que as envolvem, não ficam isentadas de demarcações dogmáticas inerentes às suas crenças.

As melodias espíritas não podem ser restringidas a determinados ritmos ou andamentos, mas deve focar a harmonização ambiente.

Suas letras devem ser arraigadas no solo doutrinador, com mensagens sintetizadas de uma palestra elaborada, sejam para louvar ao nosso Pai, seja para consolar as mentes enfastiadas, seja para lançar sementes de verdades, seja para instigar um despertamento. Em tudo deve promover a Doutrina, como disse Rossini: *(...) O Espiritismo será seu símbolo e o inspirador de suas composições.*

Se todos os povos, todas as culturas e mesmo todas as religiões têm uma identidade musical, é imprescindível que o Espiritismo tenha a sua própria.

* * *

A Música Espírita deve ser exaltada no meio espírita. E onde deve ser o seu berço de advento que não no próprio movimento espírita? E se as Casas e Centros não favorecem sua propensão quem o fará?

Instituições, praticantes e simpatizantes devem conhecer a vocação inata da Musica Espírita para em seguida crer no sucesso a que está inexoravelmente fadada. Ponderando a força transformadora que genuinamente o gênero tem, os espíritas investirão nele.

Os Espíritos gostam de Música e anseiam pela Música Espírita! Malgrado nossas circunscrições, podemos e devemos praticá-la nos trabalhos institucionais, ambientando a Casa Espírita e doutrinando com o recurso da alegria que ela produz. E caso haja dúvidas, os dirigentes podem abertamente consultar através dos médiuns do Centro se os mentores espirituais, que prestamente se ofertam aos serviços do recinto, gostam ou não da ideia.

O lorde inglês Arthur Conan Doyle relata em seu livro A **HISTÓRIA DO ESPIRITISMO**, inúmeros casos de fenômenos físicos envolvendo instrumentos musicais, em que Espíritos mostram que não perderam seus dotes com o desencarne e executam acordeões, pianos e afins[10]. Coisa semelhante está ao alcance de todos que lerem **ANIMISMO E ESPIRITISMO**, de Alexandre Aksakof. Segue um trecho:

> *Contam-se várias categorias de manifestações de tal gênero, a começar dos casos em que a música transcendental se apresenta de forma objetiva, com o auxílio de um médium, fato que se pode dar de maneiras diversas: ora sem instrumentos de música, como nas sessões de William Stainton Moses; ora por meio*

[10] Passim, bem como no capítulo 14, “Investigações seletivas sobre o Espiritismo”.

> *de instrumentos musicais, mas sem o concurso direto do médium, como nas sessões de D. D. Home; ora, finalmente, com o concurso direto do médium, mas de modo meramente automático, como no caso do médium pianista Aubert.*[11]

Na mais famosa colônia espiritual entre nós — *Nosso Lar* —, existe até um departamento especial chamado *Campo da Música*. E sobre a importância dessa matéria artística, temos o imediato esclarecimento, conforme o trecho abaixo, extraído da obra-prima de André Luiz, psicografada por Francisco Cândido Xavier:

> *Em plena via pública, ouviam-se, tal qual observara à saída, belas melodias atravessando o ar. Notando-me a expressão indagadora, Lísias explicou fraternalmente:*
>
> *— Essas músicas procedem das oficinas onde trabalham os habitantes de "Nosso Lar".*
>
> *Após consecutivas observações, reconheceu a Governadoria que a música intensifica o rendimento do serviço, em todos os setores de esforço construtivo. Desde então, ninguém trabalha em "Nosso Lar", sem esse estimulo de alegria.*[12]

Cairbar Schutel, em **A VIDA NO OUTRO MUNDO**[13], transcreve um trecho da obra **O CASO DE LESTER COLTMAN** de Lilian Walbrook, com os seguintes dizeres:

"A Música é uma das mais poderosas forças do nosso mundo para se alcançar a perfeição do Espírito".

No livro **NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE**, psicografia de Francisco Cândido Xavier, o Espírito André Luiz escreve que é prática rotineira ambientar os trabalhos espirituais com musicalidade:

> *Intentávamos analisar-lhe o comportamento, em suas relações com o ambiente e as pessoas. E, para isso, a nosso parecer, nenhuma ocasião melhor que aquela, em que dispúnhamos da colaboração segura de um amigo competente e devotado qual o instrutor que nos acompanhava, solícito.*

---

[11] Capítulo V.

[12] **NOSSO LAR** – Capítulo 11: "Notícias do plano".

[13] Capítulo XX "Revelações sobre a vida no outro mundo".

> *Apagada a luz elétrica e pronunciada a oração de início, o agrupamento,* ***como de praxe, passou a entoar hinos evangélicos, para equilibrar as vibrações do recinto.***[14]

Além de "ambientar" a harmonia dos trabalhos de benevolência, as melodias podem desestabilizar vibrações negativas.

É o que lemos na obra **LEGIÃO: UM OLHAR SOBRE O REINO DAS SOMBRAS**, de Ângelo Inácio, psicografia de Robson Pinheiros. A certa altura de uma excursão à uma região das crostas inferiorizadas — comumente chamada de Umbral —, dá-se o seguinte diálogo:

> *Assim que chegaram os guardiões, Jamar dirigiu-se ao pântano e gritou a plenos pulmões para os aprisionados:*
>
> *— Venham, caminhem, viemos para salvá-los!*
>
> *Uma voz de barítono foi ouvida ecoando através das brumas espessas:*
>
> *— Não conseguimos nos mover mais rápido. O pântano nos retém.*
>
> *— Procurem dar as mãos uns aos outros e cantem. Tentem cantar, assim vocês desviam a atenção do pântano... — respondeu Jamar, aos berros.*[15]

No clássico **O CONSOLADOR**, Emmanuel nos fala, através da grandiosa mediunidade de Chico, que o músico também é um missionário de Deus:

> *Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpite a chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das ideias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da atividade que lhes próprios, como a literatura, a música, a pintura, a plástica.*
>
> *Sempre que a sua arte se desvencilha dos interesses do mundo, transitórios e perecíveis, para considerar tão somente a luz espiritual que vem do coração uníssono como cérebro, nas realizações da vida, então o artista é um dos mais devotados missionários de Deus, porquanto saberá penetrar os corações na*

---

[14] Capítulo 28: "Efeitos Físicos".

[15] Capítulo 5, "Resgate".

paz da meditação e do silêncio, alcançando o mais alto sentido da evolução de si mesmo e de seus irmãos em humanidade.[16]

Na mesma obra, continua nos elucidando:

(...) As óperas imortais não nasceram do lodo terrestre, mas da profunda harmonia do Universo, cujos cânticos sublimes foram captados parcialmente pelos compositores do mundo, em momentos de santificada inspiração.

Apenas desse modo podereis compreender a sagrada influência que a música nobre opera nas almas, arrebatando-as, em quaisquer ocasiões, às ideias indecisas da Terra, para as vibrações do íntimo com o Infinito.[17]

Também das mãos de Chico Xavier recebemos outras nobres referências à Arte Excelente, como em **OS MENSAGEIROS**, de André Luiz. Em determinado ponto, lemos o seguinte:

Abeiramo-nos do órgão, sentando-nos todos em confortáveis poltronas.

Quando as crianças terminaram, sob aplausos calorosos, Ismália pediu a Cecília que executasse alguma coisa.

— Eu? — disse a jovem, corando — se a senhora vem das altas esferas, onde a harmonia é santificada e pura, como poderei executar para os seus ouvidos?

— Não diga isso, Cecília — tornou, sorridente, a generosa esposa do administrador —, a música elevada é sublime em toda parte. Vá, minha filha! [18]

E mais adiante, no mesmo capítulo, encontramos até um rascunho de uma composição espiritual:

(...) A jovem sorriu, voltou ao teclado, mas permanecia, agora, fundamente transfigurada. Seu belo semblante parecia refletir alguma luz diferente, que vinha de mais alto. Começou a cantar, de maneira misteriosa e comovedora. A música parecia sair-lhe das profundezas do coração, mergulhando-nos em sublime emotividade.

---

[16] Resposta à questão 162.

[17] Trecho da resposta à questão 167.

[18] Capítulo 31, "Cecília ao órgão".

Procurei guardar as palavras da maravilhosa canção, mas seria impossível repeti-las integralmente, no círculo dos encarnados na Terra. A sombra da meia-noite não poderia traduzir o revérbero da aurora. Mas de algo me lembro, para registrar aqui, com a fidelidade de que é suscetível minha memória imperfeita.

Como se fora rodeada de claridades diversas daquela em que nos banhávamos, Cecília cantou com voz veludosa e caricante:

"Guardei para os teus olhos
As estrelas brilhantes do céu calmo...
Guardei para tua alma
Todos os lírios puros dos caminhos!...
Amado meu, amado meu,
Como é longa a viagem entre escolhos
Neste oceano imenso da saudade,
Ao sublime luar da eternidade!...
Em vão, a fada Esperança
Acende a luz dentro de mim...
Porque te foste ao mundo, assim?
Volta, amado!
Ainda mesmo
Que as tuas mãos estejam frias
E que teus pés sangrem de dor.
Trago comigo o bálsamo, a ternura,
Volta a mim,
Vem respirar, de novo, no jardim
Da Imortal união!...
Curarei tuas chagas de amargura,
Dar-te-ei o roteiro para a estrada,
Amarei os que amas,
Para que me abençoes com o teu sorriso.
Volta, amado!
Esquece a dor e a sombra do passado,
Volta, de novo, ao nosso paraíso!..."

O livro **TAMBORES DE ANGOLA**, de Robson Pinheiros, por orientação do Espírito Ângelo Inácio, ilustra bem por que a musicalidade é imperativa em cultos espirituais de diversas vertentes de expressões mediúnicas:

> *Os cânticos criavam no ambiente uma atmosfera de intensa radiação magnética, pois concentravam, na psicosfera da tenda, as energias de todos os presentes. Faíscas elétricas cruzavam o ar, ionizando a atmosfera, como se as correntes energéticas obedecessem ao ritmo dos hinos cantados. Não havia ali atabaques ou tambores, como eram utilizados em outros lugares. A um sinal do dirigente, pararam de cantar, e todos se concentraram no altar, de onde emanava luminosidade singular, parecendo uma névoa de irradiações cintilantes. Foi indicado um médium da corrente para realizar as preces iniciais, e novamente recomeçou o cântico de invocação das entidades da casa. Aproximou-se de cada médium um determinado espírito, que o envolvia em suas vibrações peculiares. O ritmo da música foi aumentando, e pude ver como Euzália e Anselmo aproximaram-se dos médiuns com os quais deveriam trabalhar na noite.*[19]

Sigamos o filósofo Léon Denis:

> *"(...) A música, também, pelo seu ritmo, contribui para unificar os pensamentos e os fluidos".*[20]

"A VIDA ALÉM DO VÉU", do reverendo Vale Owen, encontramos a informação de que há no plano espiritual escolas de músicos em preparação para a jornada reencarnatória, explicando então a origem da boa música que à Terra chega:

> *Uma casa – ou colégio, já que eles eram mais colégios que fábricas, pelo que vi – era devotada ao estudo do melhor método de inspiração musical infundida aos que, na terra, tinham o talento para a composição; e outra casa dava mais atenção aos que eram aptos à música tocada, e outras à cantada, e ainda outros faziam um estudo especial da música sacra, e outros de concertos, e outros de composição de óperas, e assim por diante.*
>
> *Os resultados de seus estudos eram tabulados, e ali suas funções acabam. Estes resultados são estudados de novo por outra classe, que considerará o melhor método de comunicá-los aos compositores musicais em geral, e então outro corpo fará o real trabalho da transmissão, através do Véu, para a esfera da terra.*

---

[19] Capítulo 5, "Primeiros contatos".

[20] "O ESPIRITISMO E AS FORÇAS RADIANTES", Léon Denis – Cap. 2.

> *Aqui são apontados a eles os objetivos de seus esforços, isto é, os que provam estar mais prontos para corresponderem à sua inspiração. Estes foram cuidadosamente selecionados por outros que são treinados para esta seleção. Tudo está em perfeita ordem; dos colégios em torno do lago até a igreja, ou o hall de concertos, ou a casa de óperas na terra, há uma corrente de trabalhadores treinados que estão constantemente ativos, dando à terra um pequeno presente de sua música celestial. E é assim que todas as suas melhores músicas chegam até vocês... Sim, você está bem certo. Muito de suas músicas não é nosso, e muito é alterado em sua passagem. Mas isso não é culpa dos trabalhadores destas esferas, mas fica na porta dos que estão do seu lado do Véu, é destes deste lado que são de regiões escuras, a quem o caráter do compositor lhes permite obscurecer aquilo que vem de nós aqui.*[21]

Ainda nessa obra, lemos outro ponto interessante: o reverendo médium havia combinado com Kethleen (o Espírito comunicante) um horário para o trabalho de psicografia que coincidia com a hora do organista da igreja praticar, o que o faz indagar se o "barulho" atrapalharia o contato mediúnico. Eis a resposta:

> *"Longe disto, ajudará, e talvez, à propósito, devo dizer a você nesta noite algumas poucas palavras sobre a música nas Esferas. Sim, temos música da mesma natureza que a sua na terra.*
>
> *"Mas – e há um enorme* ***mas*** *aqui – sua música é como um extravasamento do reservatório de música no Céu. Vocês realmente têm alguns vislumbres da harmonia gloriosa que temos aqui, conforme ela extravasa. Mas é amortecida pelo véu espesso através do qual ela passa, mesmo nas mais lindas obras-primas da terra".*[22]

E tem mais:

> *"Então pedi que se sentassem no hall e, assim que o fizeram, chamei o cantor de nosso grupo, e ele elevou sua poderosa voz e preencheu todo o ambiente com sua melodia. E enquanto ele cantava, os corações daquela gente começaram a bater mais livremente, não estando mais presos pelo medo dele, a*

---

[21] Livro I – Cap. II: *"Cenas mais brilhantes"*.

[22] Livro I – Cap. I: "O ministério angélico para a Terra".

quem tinham visto tão indefeso em nossas mãos. E a luz começou a perder a tonalidade avermelhada e tornou-se mais jovial, e um sentimento maior de paz do Ser invadiu o lugar e banhou seus corpos quentes e febris com uma brisa refrescante".[23]

* * *

Para os simpatizantes espíritas que não se sintonizaram completamente com as Obras Básicas da Codificação Espírita, e àqueles que ainda estejam "meio ligados" ao dogmatismo bíblico, relembremos aqui algumas passagens das Escrituras a respeito de Música.

Comecemos pelo livro Salmos, os "cânticos sagrados dos hebreus", compêndio de cento e cinquenta poemas líricos supostamente compostos ou inspirados pelo Rei Davi — o músico dos músicos para os bíblicos. Eis o convite que faz o derradeiro canto:

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário, louvai-o no firmamento do seu poder.

Louvai-o por suas grandes obras, louvai-o pela sua imensa grandeza.

Louvai-o tocando trombetas, louvai-o com harpa e cítara; louvai-o com tímpanos e danças, louvai-o nas cordas e nas flautas.

Louvai-o com címbalos sonoros, louvai-o com címbalos retumbantes; todo ser vivo louve o SENHOR. Aleluia! [24]

O segundo livro de Crônicas narra um episódio envolvente:

Quando todos unidos se puseram a tocar as trombetas e a cantar, ouvia-se como um único som, louvando e dando graças ao SENHOR. Ao som das trombetas, dos címbalos e dos instrumentos musicais cantou-se em honra do SENHOR: "Sim, ele é bom, eterno é seu amor". Nesse momento o templo se encheu com a nuvem da glória do SENHOR, e os sacerdotes nem podiam continuar o ato litúrgico por causa da nuvem, pois a glória do SENHOR enchia a casa de Deus.

[23] Livro II – Cap. VIII: "Vinde vós, abençoados, e herdai".

[24] Salmo 150.

Lembremos que os levitas, eclesiásticos encarregados pelas cerimônias, tinham por natureza o oficio de cantar.

Também há registros no Novo Testamento da utilização da Música como instrumento de louvor e doutrinação. Entoar cânticos era uma praxe dos discípulos de Cristo.

> *E tendo cantado um hino* [Jesus e os seus discípulos] *saíram para o Monte das Oliveiras.*[25]

> *À meia noite, Paulo e Silas estavam orando e cantando hinos a Deus. Os outros prisioneiros os escutavam.*[26]

> *Então, o que concluir? Vou orar com meu espírito, e orar também com minha mente; cantarei com meu espírito e cantarei também com minha mente.*[27]

> *Não sejais sem juízo, mas procurai discernir bem qual é a vontade do Senhor. Não vos embriagueis com vinho — pois isso leva ao descontrole —, mas enchei-vos do Espírito: entoai juntos salmos, hinos e cânticos espirituais; cantai e salmodiai ao Senhor, de todo o coração.*[28]

Até no escatológico livro de Apocalipse, encontramos referência sobre Música, aqui elevada ao posto de "oração dos santos":

> *Então o Cordeiro veio receber o livro, da mão direita daquele que está sentado no trono. Quando ele recebeu o livro, os quatro Seres vivos e os vinte e quatro Anciãos prostraram-se diante do Cordeiro. Todos tinham harpas e taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos. E entoaram um cântico novo: "Tu és digno de receber o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste imolado, e com teu sangue adquiriste para Deus gente de*

---

[25] **MATEUS**, 26:30.

[26] **ATOS DOS APÓSTOLOS**, 16:25.

[27] **I CORÍNTIOS**, 14:15

[28] **EFÉSIOS**, 5:17-19.

toda tribo, língua, povo e nação".[29]

Arrematando, transcrevemos um trecho do Prefácio de **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, Allan Kardec:

> *"As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se associam a elas. Nós vos convidamos, a vós homens, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei vossas vozes uma só voz, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo".*

Repetindo Rossini, a verdadeira Música é pura oração.

---

[29] **APOCALIPSE**, 5:7-9.

9

Dai de graça o que de graça recebestes

Se o programa "Mediunidade com Jesus" estabelece a gratuidade dos serviços prestados pelo filantropo, compreendemos que a Música Espírita idem deve ser praticada como caridade, portanto, sem bônus materiais para os músicos espíritas.

Eis uma questão polêmica, mas que de nossa parte, fica claramente opinado.

* * *

É notável que muitos artistas, outrora populares e bem-sucedidos, mas em franca decadência na mídia, descobriram um filão para o seu ressurgimento pessoal na música religiosa — excetuando-se, obviamente, os raros convertidos pela pura intenção religiosa. Estes nós vemos refazendo a carreira profissional, vendendo discos, programando pomposas apresentações e obtendo lucros particulares.

Que não seja assim no meio espírita! — defendemos humildemente. Sejamos préstimos à Doutrina e à seara do Senhor. Ofertemos nossos dons voluntariamente em prol da reformulação da Humanidade.

Nosso pão de cada dia ganhemos com o trabalho comum.

Paulo de Tarso exerceu o ofício de tecelão para se sustentar[30], mas guardou-se para receber apenas na nova vida a

[30] Vide em **PAULO E ESTÊVÃO**, de Emmanuel, psicografia de Francisco Cândido Xavier.

recompensa por suas obras na evangelização.

Allan Kardec foi à falência por gastar seu dinheiro com sua missão espírita. Bezerra de Menezes morreu na pobreza por igual atitude. Chico Xavier, inolvidável obreiro da mediunidade, vestiu-se com o paletó da humildade, enriqueceu-se de serventia aos demais, mas não usufruiu das estonteantes ofertas de bem-estar – e com o pesar de ao mesmo tempo assistir sua família passar necessidades. E ninguém – pelo que ponderamos – fez mais pela Doutrina quanto estes citados.

Acudimos, entretanto, que o músico possa empregar-se profissionalmente no meio popular, até como uma tarefa paralela ao que, porventura, realize numa Casa Espírita. Os esforços lá fora — numa conotação de entretenimento ou publicidade —, inegavelmente, são dignos de receber o devido cachê. Porém, a Música Espírita exige um comprometimento com a doação sincera.

Música Espírita deve ser obra de caridade. Aquele que não tiver possibilidade de se doar está na condição de assistido e não de trabalhador do Espiritismo.

* * *

De modo óbvio, a Música Espírita pode acarretar custos operacionais, tais como: produção de discos, logística de shows, divulgação, etc. Gastos dessa ordem devem ser patrocinados pelas instituições e, se preciso for, até mesmo com vendas de mídias e convites para eventos musicais especiais.

Também consideramos justo que atividades musicais sejam usadas para arrecadar lucros para obras de manutenção institucional e de assistência social efetuadas pelos Centros. Destacando que os ganhos sejam integralmente para os mencionados fins.

A arte deve ser patrocinada, mas o artista deve ser filantropo.

Aquele que, intencional ou intencionalmente, beneficia-se financeiramente e individualmente do movimento musical espírita, não pode considerar-se um seareiro espírita, mas um profissional da

música comum, momentaneamente no meio espiritista.

Músico espírita deve postar-se tal como um médium de Jesus: alguém que faz uso das benignas melodias com fins terapeutas na ordem espiritual. Para tanto, deve ouvir o que o Cristo receitou:

> *"Restituí a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido".*[31]

* * *

Pela relevância e beleza que a Música transparece, o resultado é que o músico espiritista cerca-se de escolhos notórios pelo círculo vicioso da fascinação. Geralmente posicionado nos lugares de destaque, sobressai-se em relação a muitos dos demais trabalhadores da Casa, transparecendo exercer tarefa mais importante e elevada aos olhos dos menos avisados da funcionalidade da ordem de serviço. Torna-se vistoso, inevitavelmente, sem nem mesmo precisar abusar de alto volume.

Eis que nisso reside os perigos da vanglória.

Tudo começa com singelos elogios; dos elogios decorre a autopromoção ilusória; mais tarde, vem o deslumbramento pelo "bem que faz", o que pode resultar na sensação de ser imprescindível; em seguida, é natural que se dê início a regalias na execução de sua tarefa; daí para os mimos, presentes e, finalmente, o interesse por bens materiais. Quando não tabelam seus honorários abertamente, músicos de espírito fraco são tentados a cobrar privilégios e especial atenção no andamento dos trabalhos, ao que, facilmente se melindram ante a menor censura.

Se o músico é feito na Casa e não tem a "malícia" dos músicos profissionais, sofre pela ingenuidade; mas se é um exemplar de longa caminhada nas "noitadas", ah, a coisa pode ser ainda mais complicada!

Os músicos de ofício — no apogeu ou "falidos" — sabem do

---

[31] **MATEUS**, 10:8.

alto teor competitivo do mercado, motivado pelo jogo da vaidade instintiva, absolutamente inerente aos que pertencem a esse meio. Mais uma vez acertaram os Espíritos Superiores colaboradores da Codificação do Espiritismo em eleger o orgulho e a vaidade como os grandes inimigos da Humanidade. Aqui também a sentença se aplica.

Vejamos observações anotadas por Kardec:

> *O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas deferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre.*[32]
>
> *À virtude assim compreendida e praticada é que vos convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que vos concito a consagrar-vos. Afastai, porém, de vossos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imiteis o homem que se apresenta como modelo e trombeteia, ele próprio, suas qualidades a todos os ouvidos complacentes. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas torpezas e de odiosas covardias.*[33]

* * *

Nessa proposta de musicoterapia espírita, encontramos o elemento agregador que é a caridosa ação do altruísmo, ou seja, a vontade de servir ao próximo, pelo esquecimento de si mesmo.

Que ninguém cante apenas para si mesmo. Aliás, é fato que nunca estamos sozinhos; Espíritos se acercam de nós e, quando emanando boa música, certo é que eles se sensibilizam fraternalmente conosco.

Com efeito, quando aprendemos a viver dentro da alteridade – saborear pela felicidade que os outros sentem –,

---

[32] **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, Allan Kardec – Cap. VII, Item 11.

[33] Idem – Cap. XVII, Item 8.

teremos atingido o propósito da consciência cósmica de que fazemos parte de um conjunto harmonioso, que tudo está em nós, assim como nós pertencemos ao todo. Nesse grau, nossa individualidade será tão simplesmente para identificação existencial, enquanto que todas as ações visarão a coletividade. É quando veremos a Deus.

Para efeito de ilustração, reproduzimos um pequeno conto:

Um musicoterapeuta chegou às portas do céu e chamou. Do outro lado, a voz de Deus lhe perguntou: "Quem esta aí?", e o terapeuta respondeu: "Sou eu". A voz replicou categórica: "Nesta casa não há lugar para ti e para mim". O musicoterapeuta foi-se embora e passou muitos anos meditando sobre esta resposta de Deus. Retornou ao céu pela segunda vez, a voz lhe fez a mesma pergunta e o terapeuta, novamente, respondeu: "Sou eu". A porta permaneceu fechada. Ao cabo de alguns anos, depois de ter dedicado todo esse tempo a pesquisar a relação do som com todo o Universo, tornou pela terceira vez. Quando chamou à porta, a voz lhe perguntou de novo: "Quem está aí?", e o terapeuta gritou: "És tu mesmo". A porta se abriu.[34]

[34] Reproduzido do site www.cefle.com.br.

10
Obsessão e Magnetização

Sabendo da implacável influência espiritual a que todos estamos sujeitos, Allan Kardec perguntou aos Mentores da Codificação Espírita:

Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

"Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insuflam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: 'Senhor! não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal'." [35]

Favor traduzir para *Espíritos menos evoluídos* ao ler *maus Espíritos*.

O fato é que indivíduos mais elevados têm gosto apurado por todas as artes e em especial pela Música. Com efeito, os menos majorados tendem a toda espécie de preferência e, com obviedade, influenciarão àqueles a quem estão cercados pelo mesmo intento. Observemos, então, que a Música é configurada aqui como utensílio de aproximação e influenciação espiritual, ao que, concluímos com facilidade, também pode ser um atrativo para relações obsessivas.

---

[35] O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – Questão 469.

Espíritos atraem-se por semelhantes — esta é uma regra universal. Aqueles que apreciam a música burlesca cercam-se, inevitavelmente, de entidades afins e se corrompem mutuamente numa baixa onde de vibração que resulta em consequências crescentes mediante um círculo vicioso de promiscuidade.

Quando permitimos em nossa residência a entrada de títulos musicais repugnantes, de letras contraproducentes – muitas vezes camufladas por artifícios da mensagem subliminar –, nesse ínterim estamos também atraindo Espíritos da mesma ordem. Estes se aconchegarão ao recinto e sem obstáculos provocarão a discórdia e a animosidade entre os que se encontram sob tal teto.

* * *

A boa Música, em seu expediente, não somente pode ajudar a purificar o ambiente de más influências como, em sentido oposto, nos inspira ao Bem, atraindo bons Espíritos e nos atiçando à nossa progressão. Desperta nossas emoções e adestra nossa sensibilidade, recobra-nos boas lembranças, aproxima-nos das esferas mais altas.

Ah, a boa Música! Quem poderá medir seus benefícios?

"Quem canta, seus males espanta!" — diz o axioma popular.

A Música Espírita, doutrinária e animadora, é um anexo do curso prático de Espiritismo. É ainda mais: é uma fonte de magnetismo: um *Passe Espírita*. Por isso, é fartamente recomendável sua utilização como prelúdio para o culto do *Evangelho no Lar*. O ideal é que os próprios praticantes façam a execução musical — tocando instrumentos e, ou cantando —, mas caso haja algum impedimento para isso, que seja mesmo por via de reprodução eletrônica (discos).

Abramos aqui um parêntese: a música cantada e ou, tocada ao vivo tem uma vibração natural, diferente do que ocorre com a reprodução mecânica. A execução de um disco constitui a repetição daquela gravação e ainda assim, normalmente, provoca reações. Porém, a execução acústica é de outra ordem; é sempre uma nova interpretação e vibra desde os músicos até contagiar os ouvintes. E

quanto mais vibração os tocadores e vocalistas impulsionam, mais força tem a interpretação.

O bom cantor se constrange em dublar a si mesmo (como ocorre na maioria dos programas televisivos).

Façamos a música vibrar forte! Música ao vivo!

* * *

É certo que a mídia atual ainda é predominantemente fisiologista, que atende ao consumismo sem avaliação de qualidade. Mas é bem verdade que não estamos integralmente sujeitos ao gosto das classes dominantes.

Nunca houve nesta terra tantas opções e liberdade de escolha. O avanço tecnológico nos propicia hoje infindáveis alternativas. Discos e tocadores jamais foram tão baratos e acessíveis quanto nos dias correntes. O mesmo se aplica a instrumentos musicais e formas de aprendizado. A interação da rede mundial de computadores trouxe para cada domicílio os recursos mais avançados para a produção e reprodução musical. Cada um faz a sua rádio, seu canal e, como se não bastasse, seu próprio sucesso.

Engana-se todo aquele que alega que a Música regrediu na atualidade, conquanto o que há é uma miscelânea inesgotável. Há porcarias de sobra por aí? Há, incontestavelmente! Entretanto, não resta dúvida de que há de tudo ao nosso alcance, inclusive fartura de magnânima música. Carecemos, no entanto, de nos desprender da imposição das mídias dominantes. Ninguém mais está submetido a escolher entre três ou quatro emissoras de rádio, nem a um ou dois canais de televisão e assistir passivamente ao que nos impõem os produtores — representantes de segmentos comerciais.

E se a mídia se fecha para a Música Espírita é por fraqueza da nossa parte.

Por que, no mundo, tão amiúde, a influência dos maus

sobrepuja a dos bons?

"Por fraqueza destes. Os maus são intrigantes e audaciosos, os bons são tímidos. Quando estes o quiserem, preponderarão".[36]

Renovemos mentes, façamos Harmonia, ganhemos a mídia!

[36] **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, Allan Kardec – Questão 932.

11
Promoção e formação musical

Lançamos aqui a campanha para que as instituições espíritas não apenas abram espaço para a Música Espiritista, mas, além disso, promovam eventos dessa natureza e incentivem a formação de músicos nos Centros.

Nossa arte não é pode ser vista filantropicamente como ponte para ascensão social e civil, mas ainda como um reformador religioso.

Se a Harmonia é uma das ocupações dos Espíritos elevados, é mister que comecemos prontamente a trilhar pela sua disciplina. Ser músico é, portanto, condição para nossa completa reforma íntima.

Por acaso, há por aí alguém que conceba os mundos superiores — o paraíso celeste — segundo o aspecto de ambientes fechados, semiescuros, rigorosamente silenciosos, de tonalidade sombria e melancólica com se vê comumente em muitos Centros Espíritas?

Dirigentes espíritas: criem oficinas musicais na Casa Espírita!

* * *

Sobre educação musical, levemos em conta o processo reencarnatório: as experiências vividas são cumulativas; cada Espírito traz latente em sua memória espiritual todas as aptidões alcançadas em outras vidas. Portanto, cada degrau alcançado no complexo curso da Música é uma conquista. Temos toda a eternidade para

estudarmos, contudo, melhor aprender logo e gastar a vida eterna já apto à Música.

Capacidades latentes — eis a chave para o entendimento de certos fenômenos, como o de gênios precoces.

No livro **REENCARNAÇÃO**, Gabriel Delanne discorre sobre o que estamos tratando. No capítulo "Os músicos", o continuador da obra de Kardec relata casos de artistas excepcionais, que muito cedo desabrocharam talentos normalmente incompatíveis com a tenra idade e o currículo de estudo. Ele cita Händel (Haendel), Mozart, Beethoven, Meyerbeer, Liszt, Rubinstein e Saint-Saêns.

O caso de Beethoven é exemplar:

> *(...) Ludwig nunca teve estudos muito aprofundados, mas sempre revelou um talento excepcional para a música. Com apenas oito anos de idade, foi confiado a Christian Gottlob Neefe (1748-1798), o melhor mestre de cravo da cidade, que lhe deu uma formação musical sistemática, e lhe deu a conhecer os grandes mestres alemães da música. Numa carta publicada em 1780, pela mão de seu mestre, afirmava que seu discípulo, de dez anos, dominava todo o repertório de Johann Sebastian Bach, e que o apresentava como um segundo Mozart. Compôs as suas primeiras peças aos onze anos de idade, iniciando a sua carreira de compositor, de onde se destacam alguns Lieds. Os seus progressos foram de tal forma notáveis que, em 1784, já era organista-assistente da Capela Eleitoral, e pouco tempo depois, foi violoncelista na orquestra da corte e professor, assumindo já a chefia da família, devido à doença do pai — alcoolismo. (...).* [37]

Conclusão: se você ainda está de fora ou é novato no ramo, não perca tempo em abraçar os estudos, mesmo porque muito provavelmente já tem uma bagagem musical — ainda que pouco — útil para sua formação. Espiritualizando-nos, buscamos inspiração anímica (de nossas aptidões espirituais) e mediúnicas (por meio do concurso dos bons mentores). Jamais nos faltará auxílio conforme nossos esforços.

Assim lemos em "O LIVRO DOS ESPÍRITOS":

---

[37] Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Beethoven

521 – Certos Espíritos podem auxiliar o progresso das artes, protegendo os que se dedicam às artes?

"Há Espíritos protetores especiais e que assistem os que os invocam, quando dignos dessa assistência. Porém, que querem que façam com os que julgam ser o que não são? Não lhes cabe fazer que os cegos vejam, nem que os surdos ouçam."

565 – Os Espíritos atendem em nossos trabalhos de arte e por eles se interessam?

"Atentam no que prove a elevação dos Espíritos e seus progressos."

Mãos à partitura!

* * *

Um dos estigmas atribuídos aos espíritas é o de elitismo. E os números sugerem isso. Segundo pesquisas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas), o perfil modelar dos praticantes e simpatizantes do Espiritismo é de alguém urbano, de meia-idade, de bom nível escolar, e bem estabelecido social e economicamente.[38] Em razão disso, até mesmo a literatura espírita clássica é de uma linguagem rebuscada. Rapidamente, lembremo-nos de que a arte musical também já foi um produto exclusivo dos palacianos.

Boa Música é evangelização!

Para popularizar a Doutrina e atrair os jovens — mormente, muito esquecidos no movimento espiritista —, nada melhor do que se servir do encantamento de que a Música tem de peculiar. Mas que "popularizar" não seja lido como "vulgarizar", no sentido pejorativo.

Música! Música! Música!

* * *

[38] Vide Censo publicado em 2007 – www.ibge.gov.br

Certos administradores espíritas não assinam um cheque ordinário sem tomar um passe e consultar os oráculos. Pois bem! Consultem seus mentores e perscrutem se dentre eles não há algum Espírito com aptidões musicais.

Abramos espaço para a música mediúnica!

Avante, amigos Espíritos compositores!

É corrente no nosso meio a promoção de eventos de artes diversas, por exemplo, de psicopictografia (pintura mediúnica). No entanto, quanto a festivais musicais ainda, inexplicavelmente, impera forte rejeição.

Recordemos a promessa da volta Rossini. Não estaríamos, eventualmente, fechando portas e janelas para que obreiros da Arte Maior se manifestassem? Sua reencarnação em nossa gleba talvez esteja condicionada a uma adubação a nós competida para que ele possa promover a sonhada reformulação. Possivelmente, se cá entre nós já estivesse, fatalmente não acharia espaço para trazer as promoções a que se propôs. Sejamos precursores de Rossini, tal qual João Batista, e preparemos o terreno para seu retorno à Terra.

Que tal realizarmos sessões mediúnicas com esse propósito? Oxalá, o próprio Espírito do maestro italiano se apresente e nos traga composições revolucionárias!

12
Painel da Música Espírita

O projeto ***Painel da Música Espírita*** é uma iniciativa do portal ***Luz Espírita*** (www.luzespirita.org.br), cujo objetivo primordial é a divulgação do Espiritismo através da musicalidade. É uma oportunidade para aproximar musicistas e apreciadores da Música Espírita com o propósito de promover a cooperação e a confraternização entre artistas e o público.

Neste site, disponibilizamos mídias livremente, tais como arquivos em mp3, videoclipes e letras cifradas para instrumentos. Também estamos desenvolvendo cursos através de programas digitais.

Conheça esse trabalho e participe conosco!

13
Anexo

Crônica
A MÚSICA SEGUNDO O ESPIRITISMO

Todo livro de autoajuda que se preze tem entre suas receitas de bem-estar o preceito de se usufruir da boa Música, pois esta não é uma criação humana, mas sim uma dádiva divina: a arte musical terrena é uma singela representação da música celeste, tal como o brilho lunar refletido numa lagoa não é a lua.

Harmonia é uma aptidão inerente ao Espírito — a todos os Espíritos —, parelho ao instinto de progressão que nos instiga a evoluirmos sempre. Tal é o seu préstimo.

A Criação é uma canção. A manutenção do Universo é uma sinfonia a ecoar ininterruptamente. O rugido do solo terreno, o chio da água, o estrondo retumbante do trovão, o gorjeio dos pássaros, o zumbido dos ventos... Tudo isso é uma composição natural. Até o silêncio — também elemento musical — é peça sonora. Logo, Deus, o Grande Autor, é outrossim o Grande Compositor e Maestro da *canção universal*.

Antes que a raça humana desenvolvesse a escrita e a fala, a intuição materna já havia desenvolvido a canção de ninar, com modestos solfejos a embalar suas crias no colo, com a mais pura autenticidade. Observando a Natureza o homem aprendeu a cantar e a ritmar. No eco vindo das cavernas, desde o primitivismo, encontrou os primeiros efeitos especiais, mais tarde imitados pela indústria fonográfica.

E por que queriam agradar aos seus *deuses*, nossos ancestrais elegeram a Música como o mais sublime tributo e meio de oblação, aquilo que melhor poderiam dar aos seres superiores. Assim nasceu o gênero sacro. A profanação musical se deu quando os reis

da terra recobraram igualmente para si o status de divindade. A Música deu vida aos aedos e trovadores, e no curso de seu alargamento, com o romantismo, assumiu feições passionais, até se vulgarizar, para quebrar o atavismo da exclusividade elitista, achando-se atualmente numa miscelânea tal que ora encanta, ora espanta.

Mas o que é a Música, afinal?

Nem mesmo os grandes mestres desta arte na Terra ousaram circunscrever o seu conceito: "Música não é para ser explicada, mas para ser sentida!" — concordam eles. Sendo de ordem metafísica, o homem, logicamente, não poderia explicá-la.

Certa vez, porém, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sob a regência do egrégio Allan Kardec, ocupou-se desta temática, compreendendo que a Música, genuinamente de natureza espiritual, deveria ter uma aplicação transcendental, uma vez que não seja meramente para entretenimento terreno — embora seja legítimo este emprego. E para aqueles eminentes estudiosos fez-se presente, mediunicamente, o Espírito de Gioachino Antonio Rossini, que em vida foi renomado compositor de obras-primas (tais como "A Cinderela", "O Barbeiro de Sevilha" e "Guilherme Tell"). Este se pôs a debruçar-se sobre a interpretação espiritual sobre a Harmonia, da qual ora colocou-se humildemente na condição de singelo aprendiz. (vide capítulos "Música Celeste" e "Música Espírita", ambos em OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec).

"Não é que haja música na espiritualidade, mas sim que: *A Música* é do mundo dos Espíritos" — afirma Rossini — "E esta é sem comparação" — acrescenta. As entidades elevadas, que dominam a técnica musical, produzem-na por ação direta com o fluido cósmico, cujas vibrações penetram no âmago dos seres e se confunde com a prece, glorificando a Deus e levando ao êxtase aqueles que são capazes de concebê-la. Tal configuração ressoa no éter de maneira que nenhum instrumento humano jamais será capaz de imitar ao menos aproximado.

Rossini continua sua interpretação comparando a Música a uma ponte: é uma espécie de médium que transmite aos seus

ouvintes a própria natureza do compositor. A essência, portanto, é a Harmonia, carregamento de sentimentos daquele que a compõe. A música é posta a serviço desse sentimento para tentar reproduzir as mesmas sensações do compositor àquele que ouve. Uma canção está sempre emoldurada de parte do conteúdo daquele que a produziu. O ouvinte – consciente ou não – absorve esse conteúdo.

A boa criação musical é uma carta de amor que encantará àquele que a ler. Em contrapartida, a composição vulgar esparge o perfume da malícia, do rancor, da desonra. Ela sobrecarrega seu receptor e infama o Pai Celeste. A música entoa aquilo que preenche o coração.

Se em nosso orbe essa carga de sentimentos de que se compõe uma música pode ser falseada ou mal reproduzida, no mundo espiritual isso não é possível, pois a transmissão é de alma para alma, sem auxílio de instrumentos rudes e limitados. Os Espíritos musicam o composto exato daquilo que eles são.

Se de um lado da ponte está o artífice da obra harmônica, do outro está o ouvidor. Este se enleva com a qualidade da obra conforme seu estágio evolutivo. E o escutar não constitui simplesmente um ato passivo, mas é, além disso, ressoar na mesma faixa de vibração — positiva ou negativa —, tal qual uma câmara de eco. O gênero, por conseguinte, serve como um dos parâmetros para graduar os indivíduos, fazendo valer esta versão de um anexim: **Diz-me que música tu ouves que te direi quem tu és**.

Rossini atentam-nos para a importância da **música espírita**, como utensílio de elevação individual e coletiva. Seja de teor doutrinário ou de louvação, ela há de alavancar sentimentos mais nobres na humanidade. O Espírito de rudes percepções — dado seu atraso moral e intelectual — por vezes é tangido pela harmonia, levado ao cume de uma satisfação — ainda que não a compreenda completamente — e, de volta à realidade, sente em seu imo o almejo por subir novamente ao monte prazeroso. Este um efeito progressista de que a Música é capaz.

A terapia musical – musicoterapia – nos reporta a um episódio bíblico, contado no primeiro livro de Samuel, em que Saul, o

rei déspota do povo hebreu, atormentado por angústias oriundas de seus distúrbios morais, experimentou o efeito revigorador produzido pelos sons da harpa do menino Davi, que mais tarde se tornaria o mais memorável dos reis de Israel e a quem se imputa a honra de inspirador do livro dos Salmos.

Eis o instinto natural ao progresso imprimido na alma de todo ser inteligente. Assim, a música espírita é uma mola propulsora para o melhoramento individual. Ela projeta o oásis prometido às almas e nos incita a caminhar nesse rumo.

A descrição acima veio de um indivíduo, Gioachino Rossini, mas foi corroborada pelos Espíritos Superiores que acercaram o nobre codificador espírita e o mencionado grupo de estudos, autenticando assim a tese em nome do Espiritismo.

Visto que a música é uma das incumbências dos Espíritos, cuidemos de nos qualificar nessa matéria, começando pela triagem do que ouvimos, caminhando para a mediunização musical (reprodução das composições) até tocarmos a sublime aptidão para a composição superior.

Espíritas, patrocinem a música espírita: ouçam, componham, toquem e cantem **músicas espíritas**. Mas que ela seja ato de caridade da parte do músico espírita, tal como na “mediunidade com Jesus”, sem benefícios financeiros e privilégios individualistas.

Mães, embalem seus filhos no colo e cantem para eles!

Homens, enfileirem-se à orquestra da Natureza.

Ery Lopes

Bibliografia consultada

A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO, Arthur Conan Doyle, 1926.

A HISTÓRIA UNIVERSAL DA MÚSICA, Roland de Candré (em Wikipédia)

A REENCARNAÇÃO, Gabriel Delanne, 1927.

A VIDA ALÉM DO VÉU, George Vale Owen, 1926.

ANIMISMO E ESPIRITISMO, Alexandre Aksakof, 1890.

BÍBLIA SAGRADA

LEGIÃO, UM OLHAR SOBRE O REINO DAS SOMBRAS, Robson Pinheiro, pelo Espírito Ângelo Inácio, 2005.

NOS DOMÍNIOS DA MEDIUNIDADE, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito André Luiz, 1955.

NOSSO LAR, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito André Luiz, 1944.

O CONSOLADOR, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, 1942.

O ESPIRITISMO E AS FORÇAS RADIANTES, Léon Denis, 1864.

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, Allan Kardec:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec, 1857.

OBRAS PÓSTUMAS, Allan Kardec, 1890.

OS MENSAGEIROS, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito André Luiz, 1944.

PAULO E ESTÊVÃO, Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Emmanuel, 1942.

REVISTA ESPÍRITA, Allan Kardec, edição de maio 1858.

TAMBORES DE ANGOLA, Robson Pinheiro, pelo Espírito Ângelo Inácio, 2005.

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br